

Crespas, identidade e identificação da negrura na obra de Iraci Oliveira

“Crespas”, exposição inaugural do projeto de artes da UNILAB - Campus dos Malês, São Francisco do Conde, Bahia, de autoria da artística plástica e museóloga Iraci Oliveira, é a diversificação do tratamento dado ao tema do cabelo de negros e, sobretudo, da identidade negra, que é uma construção consciente ou inconsciente para superação do branqueamento. As carapinhas de mulheres negras são expressões da busca de uma identificação com as texturas, os desenhos, as formas, os arranjos e tranças-tessituras que, como um fator novo e investido de valor e processo contínuo de arte e concretização étnico-racial, atribui ao produto estético um valor, acrescentando aos quadros, no conjunto, um dado social estribado no jogo real da identidade e da identificação.

Assim, a artista atribui à carapinha, ao cabelo crespo - sedoso, um valor, que é mobilizado pelas técnicas, o uso de determinadas cores, a disposição de estamparias e a relação dialógica de determinadas cores e imagens com a criação de uma identidade negra, que passa antes pela identificação da negrura, através das novas formas de enquadramento da crise de identidade. A identificação negra, primeiro; e a identidade, num momento posterior, podem ser vistas como um processo pelo qual os recursos disponíveis, as cores, os turbantes, as máscaras, se distribuem a serviço da estética de inclusão de negras.

Nas “Crespas”, o jogo encruzilhado da identidade e da identificação nos recordam que a negrura, aqui sintetizada nos cabelos encarapinhados, crespos, é motor interno e externo para a ação artística e cotidiana. Assim, a identidade negra transitiva, composição do indivíduo, do grupo a que pertence, de opção política e da dinâmica histórico – social, tem como contraparte a indispensável necessidade de identificação dos cabelos e dos traços anatômicos das mulheres negras, sem reduzir, às avessas da perspectiva figurativa, as possibilidades transfiguradoras presentes nas cores e formas. São bem didáticas, a propósito, as carapinhas amarelas, vermelhas e azuis, que bradam por uma leitura além da simples procura ou reprodução nas telas de cabelos e corpos de negras.

Tratando-se da tematização dos cabelos e da negrura, a arte é a questão nuclear. É preciso captar os significados e o lugar da artista na disposição dos nomes das telas, no jogo de cores, no apagamento dos traços no rosto, no diálogo com patuás e com adereços do sistema cultura negro-brasileiro. Em outras palavras, Iraci Oliveira capta as negras e os jogos identitários a partir da lente artística. Não é por outra razão, que o reconhecimento

da identidade e a identificação agem sobre a artista, sobre os apreciadores dos quadros, sobre as cores, a composição, a disposição dos traços, os temas, as máscaras e estamparias que, no conjunto da obra, pressupõem uma situação de apropriação de identidade, sobre a qual se projetam as pinceladas da artista.

O resultado, a despeito do trajeto difícil de construção de identidade negra no seio da sociedade racista brasileira, é a identificação da negrura no tema e no tratamento estético-visual. Avultam as relações com os patuás, com adornos, com a história da luta negra e, com recursos pictóricos, há a localização de um processo de aquisição e de problematização da identidade negra. A exposição é um processo, mas um processo dotado de propósito artístico, que revela a negrura na carne e nos cabelos de Iraci Oliveira. Ao buscar a identificação da negrura na sua corporeidade, ele exerce uma ação estética sobre a sua própria identidade, isto é, sobre os recursos artísticos-visuais mobilizados e organizados na tela. A rigor, ela age sobre si mesma, sua natureza íntima, ao mesmo tempo que a sua autoria convida os coautores (as) a modificarem a sua identidade, processo de cada um e interno, e a identificação, processo externo e de busca da negrura coletiva, o “nós”, que é o encontro encruzilhado da identidade e da identificação de que precisam artísticas e público, ou seja, autores (as) e coautores (as) negros.

[Carlindo Fausto Antônio](#) é professor da Unilab, coordenador do BHU, escritor, poeta, dramaturgo, com publicações individuais e regulares na Série Cadernos Negros.